

As – híbridas – identidades das crianças espectadoras na Pós-modernidade

Taís Ferreira (Brasil)

taisferreirars@yahoo.com.br

Estudante de Pós-graduação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre

Telenovelas, desenhos animados, telejornais, ficção científica, programas humorísticos, aventura, videoclipes, videogames, filmes (dos mais diversos gêneros) no cinema, espetáculos teatrais, propagandas (veiculadas em diferentes suportes), circos com muita luz, cor e cada vez menos palhaços, produção cultural para crianças, para adultos, para a família, o sexo dos animais, a última descoberta científica que revolucionará o mundo, um conto de fadas encenado em um cenário que lembra uma festa *rave*, bruxos em crise existencial, apresentadoras de programas de auditório loiras e sensuais, *shows* de música romântica cantada por irmãos adolescentes, artistas de rua comendo ratos, amestrando pombos, outras crianças jogando malabares nos sinais, contorções que trarão o pão...

Facilmente preencheria as quatro páginas que me são possíveis à escrita neste momento citando artefatos e práticas que impelem as crianças (e não só elas, claro!) a assumirem posições de sujeitos espectadores na contemporaneidade. Durante horas de seus dias e noites, as crianças, nas conjunturas pós-modernas, encontram-se diante das telas da televisão, do cinema e dos computadores, perante eventos que assumem caráter de espetáculo, alguns formas tradicionais como o teatro, os artistas de rua, os folguedos folclóricos e o circo, outros novíssimas invenções digitais de complexo manuseio.

Essa imensa diversidade de artefatos, linguagens, gêneros discursivos e textuais, personagens, suportes e técnicas invadem os cotidianos das mais díspares infâncias, desde aquelas que encontramos trancafiadas atrás das grades dos luxuosos condomínios até as outras que correm pelas calçadas do centro, carregando carteiras que não são suas, doces da barraca da esquina... E estas próprias formas, mensagens e linguagens que se apresentam a nós também não são puras: nelas interpenetram-se e convivem traços e elementos das diferentes culturas (classificadas como) erudita, popular e massiva. O momento histórico e conjuntural que vivenciamos, e que alguns teóricos ousaram chamar de pós-modernidade, possibilita-nos justamente esta convivência mútua (ainda que não pacífica) entre inúmeras formas de expressão que poderiam ser consideradas espetaculares, pelo fato mesmo de colocarem os sujeitos em uma posição constante de espectadores.

Alguns destes processos de mescla, interpenetração e *crossing-over* culturais na América Latina foram detidamente estudados e refletidos por García Canclini (2001), que é quem coloca em circulação, através de sua obra, o termo *hibridismo*¹. Artefatos, práticas e sujeitos híbridos: eis o que nos oferece de (não tão) novo a pós-modernidade. Ainda seguindo o pensamento deste autor, do qual compartilho, não existiriam objetos ou práticas puros, tudo e todos estaríamos vulneráveis aos processos de hibridação, que na contemporaneidade acentuam-se através das profícuas possibilidades logísticas e técnicas que as tecnologias de massa oferecem-nos no sentido de facilitar as trocas, permutas e mesclas; tendo comoenários privilegiados e estratégicos as fronteiras porosas das grandes nações e megalópoles, bem como os computadores conectados em rede mundial e, quiçá, universal.

Entretanto, não pensemos estes processos enquanto um “hibridismo amável”: sempre há tensão e conflito envolvidos, sempre há aquilo ou aqueles que apresentem resistência ou neguem-se a hibridarem-se. Burke (2003), assim como García Canclini, salienta a necessidade de observarmos a hibridação enquanto um processo, e não como um estado acabado. Assim, García Canclini (2001) argumenta que há de se pensar e estudar os “processos de hibridação” e não somente seus produtos híbridos.

Penso, então, que a constituição das identidades das crianças espectadoras, sujeitos que têm sido foco central de minhas vontades de pesquisa e estudos empíricos, possam ser encaradas como processos híbridos em um constante devir, um (trans)formar-se em eterna mobilidade e (re)combinação das partes que compõe aqueles que denomino os *espectadores híbridos*, ou seja, as crianças espectadoras envolvidas nos híbridos e múltiplos processos de formação de suas identidades e subjetividades que as experiências como ouvintes, leitores, espectadores ou receptores potencializam nas contemporâneas conjunturas.

A diversidade de linguagens e artefatos disponíveis hoje às crianças fazem com que estas sejam, concomitantemente, íntimas dos jogos eletrônicos e das relações virtuais estabelecidas nos *chats*², além de leitoras assíduas das páginas e páginas dos novos *best-sellers* do mercado editorial infanto-juvenil, como os livros que narram as aventuras do bruxo Harry Potter. Assim, encontramos crianças empolgadas com a possibilidade de assistirem a um espetáculo de teatro ou a uma seção circense, o que não as impede de discorrerem com muita propriedade sobre filmes, elementos da linguagem cinematográfica, efeitos especiais, bem como de brincar de faz-de-conta nos raros momentos em que jogam em grupos nos parques, ruas ou praias. Sem mencionar aqui a relação de quase dependência que algumas estabelecem com determinados programas televisivos, que (ironicamente) nem sempre são aqueles destinados especialmente a suas faixas etárias.

Híbridas linguagens, híbridos artefatos, híbridas infâncias, híbridos espectadores: “(. . .) resultado de encontros múltiplos e não (. . .) de um único encontro, quer encontros sucessivos adicionem

¹ Nas palavras do referido autor: “(. . .)entendo por hibridação processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, combinam-se para gerar novas estruturas, objetos e práticas.” (GARCÍA CANCLINI, 2001, p. XIX)

² Salas virtuais de ‘bate-papo’ ou conversas.

novos elementos à mistura, quer reforcem os antigos elementos (. . .)” (BURKE, 2003, p. 31). Desta forma, trago a este espaço de reflexão a possibilidade das crianças de construir – e serem constituídas por – processos de recepção híbridos. A recepção, a maneira de Orozco (1991), entendo-a como um processo complexo, conflituoso e contraditório, que antecede e extrapola o momento efêmero do contato com o artefato.

Assim sendo, a forma como se relacionam as crianças espectadoras com um espetáculo teatral e sua linguagem específica, por exemplo, será mediada, necessariamente, por todas as experiências que compuseram o repertório cultural anterior destas crianças, incluindo suas experiências como receptores de televisão, cinema, jogos, *sites*, músicas, artes visuais, entre tantos outros. Hall (1997) alerta-nos que é em um processo de negociação e tensão entre as representações veiculadas nas diversas instâncias de suas experiências que o receptor confere significados e atribui determinado sentido a elas. E este sentido, em articulação com outros sentidos e significados (que compõem o repertório único de cada indivíduo), constituirá, culturalmente, os sujeitos; constituindo, também, suas identidades de sujeitos espectadores.

Pensando estes múltiplos artefatos e discursos com os quais as crianças relacionam-se, veiculados nas mais diferenciadas linguagens (virtual, audiovisual, escrita, oral, gráfica, corporal, cinestésica, etc...), poderemos entrar em contato com importantes constituintes das identidades e subjetividades infantis, já que estes artefatos e discursos não somente reproduzem ou comunicam conteúdos e formas e sim constituem os próprios sujeitos que os consomem, através dos modelos e das representações que veiculam. Filmes, livros, *blogs*³, peças de teatro, brinquedos, canções, revistas, programas de TV, enfim, toda a gama de produtos (que estimulam e legitimam determinadas práticas, como as de consumo, por exemplo) aos quais a grande maioria das crianças tem acesso na contemporaneidade contribuem a sua formação enquanto sujeitos sociais, ensinando-lhes modos de ser e estar no mundo, modos de olhar para si e para os contextos a sua volta, modos de conferir significado aos eventos, práticas, imagens, sons e pessoas com os quais convivem.

Os elementos apreendidos e experienciados junto aos diversos (também híbridos) artefatos e práticas serão – além de constituintes das formas de ver e significar o mundo que construirão, aliados a outras instâncias, estas *identidades híbridas de crianças espectadoras* – fatores de mediação das subseqüentes experiências destes sujeitos infantis quando na posição de receptores. Saliento aqui que os receptores, no âmbito dos trabalhos de pesquisa que tenho desenvolvido, são considerados enquanto produtores e co-autores dos artefatos e práticas com os quais relacionam-se, e não como entes passivos, receptáculos vazios que absorveriam sem nenhum poder de negociação e contestação àquilo que lhes fosse ofertado. Dentro de um *processo metabólico* de ampla articulação entre as várias práticas discursivas que compõem e recompõem o sujeito e sua(s) identidade(s) – ou melhor, suas posicionalidades (mutantes) de sujeito, como nos diz Hall (1997) –, o leitor/ ouvinte/ espectador também assume a responsabilidade de co-autor da obra, já que esta sem sua presença e sua ação sobre ela, *junto dela*, obviamente só existiria em um plano que se apagaria nas infinitas redes de discursos e sentidos, pois desprovida de significado justamente por não haver dela um uso efetivo. Seria objeto potente, porém morto.

³ Diários virtuais, que podem ser acessados pela Internet por qualquer visitante.

Entretanto, as mesmas crianças que constroem *blogs* complexos, repletos de cores, sons, gráficos, movimentos e imagens, nos quais registram suas impressões cotidianas e fatos de suas vidas, também brincam de “faz-de-conta”, jogando solitárias ou com outras crianças seus jogos de imaginar: cenas, lugares, eventos, pessoas... Enfim, a base da linguagem teatral: a materialização de outro que não sou eu, que a princípio vive somente em minha imaginação e ao qual eu dou vida corporificando-o através de meus gestos, palavras, ações e movimentos. Ser um super-herói, um cantor ou uma princesa é possível na brincadeira de “faz-de-conta”, é possível através do apelido que uso em um *chat*, das *dolls*⁴ que construo; é possível através dos filmes e peças que assisto, dos livros que leio, dos *sites* que consulto.

Pensemos então: essas crianças que “agem” e “constroem” mundos, seres e a si mesmas em suas práticas cotidianas, sejam elas virtuais ou teatrais, e no contato com a diversidade de artefatos culturais disponíveis, podem elas ser consideradas indefesas, débeis e inaptas, como as pressupõe a recorrente representação da infância moderna?

Contemporaneamente, a polissemia de concepções sobre as infâncias contribui para compor novos mapas conceituais que buscam problematizações, descontinuidades presentes em seus próprios pressupostos. Pensar em crianças é aventurar-se nas histórias de infâncias que nem sempre são contadas da mesma forma, que possuem diferentes narradores, mas que possibilitam às pessoas rumos e escolhas diferenciados a partir da perspectiva com a qual lançam seus olhares.

No intuito de finalizar este pequeno texto, mas não de encerrar a discussão aqui proposta, na qual percebo ainda várias linhas e traços a serem problematizados e refletidos na continuidade de meu trabalho de pesquisa junto às crianças espectadoras, gostaria de argumentar no sentido de percebermos a produtividade dos processos híbridos pelos quais somos perpassados, envolvidos e enredados na pós-modernidade. Estes processos que, constituindo nossas identidades, seja enquanto espectadores ou nos diferentes contextos socioculturais que atravessamos e pelos quais somos atravessados, produzem modos de ver, ouvir, sentir, experienciar e significar a nós mesmos e *ao mundo dos homens e das coisas ao nosso redor*; homens híbridos, coisas híbridas, mundos híbridos.

Referências bibliográficas

BURKE, Peter. *Hibridismo Cultural*. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2003.

GARCIA CANCLINI, Néstor. *Culturas Híbridas – Estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2001.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. Porto Alegre: Educação e Realidade, v.22, n.2, 1997. p. 15-46

⁴ Bonecas virtuais que podem ser montadas pelos internautas, muito conhecidas entre crianças e jovens que acessam a Internet.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. *Recepcion Televisiva – Três aproximaciones y una razón para su estudio*. México: Universidad Iberoamericana, 1991.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

CUNHA, Euclides da. *À Margem da história*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HALL, Stuart. The spectacle of the 'other'. In: _____. *Representation. Cultural Representations and Signifying Practises*. London, Thousand Oaks, New Delhi: Sage/Open University, 1997.

KESSELRING, Thomas. O conceito de natureza na História do pensamento ocidental. *Episteme*. Porto Alegre: n.11, p.153-172, 2000.